



Quebradeiras de coco babaçu na Internet: a ação do MIQCB nas redes sociais digitais

Raysa Beatriz da Silva Lemos^a e Magnolia Rejane Andrade dos Santos^b

Resumo: O presente trabalho tem como proposta apresentar a ação do Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu nas redes sociais digitais. É uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, que apresenta o babaçu, palmeira da família Arecaceae, como responsável pela fonte de renda das quebradeiras de coco. Explica-se o trabalho das quebradeiras de coco babaçu, mulheres rurais de comunidades agroextrativistas inseridas em diversas dimensões contextuais, tais como questões de gênero, reforma agrária e sustentabilidade. Aborda-se a história, missão e estrutura do movimento de quebradeiras, discorrendo-se também sobre o conceito de comunicação comunitária. A partir de considerações sobre o uso das TIC na comunicação comunitária, é feita uma discussão sobre a ação do

a Bacharel em Biblioteconomia. Mestranda em Ciência da Informação na UFAL – Federal de Alagoas. E-mail: raysablemos@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8097-8062>.

b Doutora em Comunicação e Semiótica. Professora na UFAL – Universidade Federal de Alagoas. E-mail: magnolia@reitoria.ufal.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5272-441X>.

movimento de quebradeiras nas redes sociais digitais que, compartilham pautas, produtos e ideais. A presente abordagem entende as atividades do movimento de quebradeiras na internet como uma estratégia de comunicação comunitária. A conclusão sustenta que o movimento de quebradeiras realiza ativismo digital e usa as redes sociais digitais para divulgar a importância das suas práticas e saberes ancestrais.

Palavras-chave: Quebradeiras de coco babaçu. Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu. Comunicação comunitária. Redes sociais digitais.

Babassu coconut breakers on the Internet: MIQCB's action on digital social networks

Raysa Beatriz da Silva Lemos^a & Magnolia Rejane Andrade dos Santos^b

Abstract: This work aims to present the actions of the Interstate Movement of Babassu Coconut Breakers on digital social networks. It is a bibliographic and qualitative research that presents babassu, a palm of the Arecaceae family, as a source of income for women babassu nut breakers. It explains the work of babassu nut breakers, rural women from agroextractive communities inserted in several contextual dimensions, such as gender issues, agrarian reform, and sustainability. It covers the history, mission, and structure of the women nut breakers movement, as well as the concept of popular communication. It presents considerations on the use of ICT in popular communication, a discussion is made of the actions of the dissident movement on digital social networks that share agendas, products and ideals. The present approach understands the activities of the women nut breakers movement on the internet as a communication strategy towards the community. It concludes that the breakers movement performs

a Bachelor's Degree in Library Science. Master's student in Information Science at UFAL – Federal de Alagoas. E-mail: raysablemos@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8097-8062>.

b PhD in Communication and Semiotics. Professor at UFAL – Federal University of Alagoas. E-mail: magnolia@reitoria.ufal.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5272-441X>.

digital activism and uses digital social networks to spread the word about the importance of their practices and ancestral knowledge.

Keywords: Babassu Coconut Breakers. Interstate Movement of Babassu Coconut Breakers. Popular Communication. Digital Social Networks.

Rompecocos Babassu en Internet: la acción del MIQCB en las redes sociales digitales

Raysa Beatriz da Silva Lemos^a y Magnolia Rejane Andrade dos Santos^b

Resumen: El presente trabajo propone presentar la acción del Movimiento Interestatal de Quebradeiras de Coco Babaçu en las redes sociales digitales. Se trata de una investigación bibliográfica y cualitativa, que presenta a la palmera babasú de la familia Arecaceae como responsable de la fuente de ingresos de los cocoteros. Se explica el trabajo de las quebrantadoras de babasú, mujeres rurales de comunidades agroextractivas insertadas en diferentes dimensiones contextuales, como cuestiones de género, reforma agraria y sostenibilidad. Se discute la historia, misión y estructura del movimiento de rompedores, y también se discute el concepto de comunicación comunitaria. A partir de consideraciones sobre el uso de las TIC en la comunicación comunitaria, se realiza una discusión sobre la acción del movimiento breakers en las redes sociales digitales que comparten agendas, productos e ideales. El enfoque actual comprende las actividades del movimiento de rompedores en Internet como una estrategia de comunicación comunitaria. La conclusión sustenta que el movimiento breakers realiza

a Licenciatura en Bibliotecología. Estudiante de maestría en Ciencias de la Información en UFAL – Federal de Alagoas. E-mail: raysablemos@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8097-8062>.

b Doctora en Comunicación y Semiótica. Catedrático de la UFAL – Universidad Federal de Alagoas. E-mail: magnolia@reitoria.ufal.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5272-441X>.

activismo digital y utiliza las redes sociales digitales para dar a conocer la importancia de sus prácticas y conocimientos ancestrales.

Palabras clave: Rompedores de coco Babassu. Movimiento Interestatal de Quebradeiras de Coco Babaçu. Comunicación comunitaria. Redes sociales digitales.

1. Introdução

O babaçu é uma palmeira pertencente à família *Arecaceae*. Possui folhas arqueadas e pode alcançar até 30 metros de altura. Ocupa aproximadamente 25 milhões de hectares no território brasileiro, contudo também é encontrado em outros países da América do Sul, a exemplo da Bolívia e Suriname. No Brasil, as maiores ocorrências do babaçu encontram-se nos estados do Maranhão, Pará, Piauí e Mato Grosso, porém é encontrado em outros estados da federação como Tocantins, Bahia, Minas Gerais e Rondônia (SILVA; NAPOLITANO; BASTOS, 2016).

Extrair o coco babaçu faz parte da cultura das quebradeiras de coco, portanto a importância do babaçu para elas é imensurável. Shiraishi Neto (2017) explica que as quebradeiras de coco nutrem um sentimento de afeição e cuidado pela palmeira babaçu, chamada por elas de “árvore-mãe”, visto que possibilitam a sobrevivência dessas comunidades.

Nessa conjuntura, essas mulheres agroextrativistas desempenham papel fundamental para a economia de suas comunidades, no entanto seu papel social ultrapassa os sentidos econômicos ao se mobilizarem a favor do desenvolvimento sustentável, reforma agrária, respeito a natureza e preservação das florestas. Nota-se que a identidade desses grupos é atrelada ao território que habitam, logo a questão territorial é fator determinante para a luta das quebradeiras. Desse modo:

[...] as quebradeiras necessitam de um espaço territorial específico para que possam praticar tanto o extrativismo vegetal quanto a criação de animais para subsistência e a agricultura familiar com a utilização de técnicas sustentáveis e agroecológicas. Além disso, salienta-se que os territórios que possuem incidência de babaçuais não traduzem apenas a utilização de uma espécie vegetal, mas

também são a expressão de uma identidade cultural coletiva que comporta um sentimento de pertencimento [...] (NUNES, 2020, p. 8).

As quebradeiras de coco se mobilizam coletivamente através do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). Silva (2017) explana que o movimento social das quebradeiras de coco é consolidado há mais de duas décadas, atuando no fortalecimento das mulheres enquanto sujeitos políticos e no reconhecimento do valor social do seu trabalho. O MIQCB (2019) estima a existência de mais de 400 mil quebradeiras, a missão do movimento é:

[...] organizar as quebradeiras de coco babaçu para que conheçam seus direitos, a fim de promover a autonomia política e econômica em defesa das palmeiras de babaçu, dos territórios, do meio ambiente e da luta pela melhoria de suas condições de vida e de suas famílias, com base no bem viver. (MIQCB, 2019, não paginado).

Nessa conjuntura, o MIQCB é o movimento social que tem por intuito organizar coletivamente as quebradeiras de coco babaçu. Peruzzo (2013) entende os movimentos sociais como articulações de grupos da sociedade civil que reivindicam seus direitos quando estes não estão sendo efetivados. Para a autora, a comunicação é parte integrante dos processos de mobilização desses movimentos, dessa maneira os processos comunicacionais autônomos são importantes para a organização popular. Logo, a comunicação comunitária é parte integrante da estrutura desses movimentos.

É fato que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) alteraram os modos de transmitir e receber informação. Em outras palavras, essas tecnologias, em constante evolução, modificaram radicalmente a comunicação humanas nos mais

diversos aspectos. Hoje a informação circula em diferentes formatos e de forma rápida. Essas mudanças atingiram a sociedade como um todo inclusive os movimentos sociais.

Diante do exposto, surge a inquietação de investigar a atividade do MIQCB na internet, por compreender que esse espaço assume funções significativas na contemporaneidade. Sendo assim, o objetivo do presente artigo é apresentar a ação do MIQCB nas redes sociais digitais como uma estratégia de comunicação comunitária para a cidadania. Para a construção do referencial teórico, realizou-se pesquisa bibliográfica relativa às quebradeiras de coco babaçu, ao MIQCB e à comunicação comunitária. Alguns autores que fundamentam o estudo são Barbosa (2018), Berrêdo (2017), Castells (2013) e Peruzzo (2000, 2006, 2009). Foi aplicado um questionário, elaborado pela plataforma *Google Forms*, com a assessora de comunicação do MIQCB. O referido instrumento contém quatro questões referentes aos seguintes tópicos: redes sociais digitais utilizadas pelo MIQCB; objetivos que motivam o uso das redes sociais pelo movimento; ações de comunicação comunitária, presentes no movimento e a importância das redes sociais para a comunicação comunitária. A abordagem do presente artigo é qualitativa.

2. Quebradeiras de coco babaçu

As quebradeiras de coco são grupos de mulheres que têm sua renda ligada ao extrativismo do babaçu. Conforme Barbosa (2018) existe uma divisão sexual do trabalho nessas comunidades, onde a tarefa de coletar e quebrar o coco é delegada para as mulheres, enquanto os homens adultos são responsáveis pelo cultivo de alimentos para subsistência. A autora diz que as quebradeiras começam a praticar essa atividade ainda na infância, por volta dos sete anos, e a realizam até a velhice. A caminhada, individual ou em grupo, para recolher os cocos que caem das palmeiras faz parte da rotina delas.

Campelo Filho et al. (2018) insere as quebradeiras de coco babaçu em um contexto de economia solidária, pois o extrativismo do babaçu configura-se como empreendimento solidário dado que visam amenizar as dificuldades sociais e econômicas desses grupos. Ademais, destaca que as oleaginosas, a exemplo do babaçu, são importantes para vários setores como geração de energia, valor nutricional e aplicação em combustíveis.

Nesse sentido, o coco babaçu é versátil por ser matéria prima para diversos produtos, além de ser próprio para o consumo. Praticamente todas as partes do coco são aproveitadas. O epicarpo, primeira camada, é utilizado para a fabricação de itens como estofados e adubos orgânicos. O mesocarpo, segunda camada, contém amido, por isso é usado para alimentação humana e animal. A última camada, o endocarpo, é aproveitado como lenha. As amêndoas, muito aproveitadas nas comunidades onde há ocorrência de babaçuais, são úteis para a fabricação de óleos e azeites e usadas pela indústria cosmética, alimentícia e de limpeza (SOUZA, 2019; SERRA, 2021).

Ressalta-se que as quebradeiras de coco fazem parte dos povos e comunidades tradicionais brasileiros, definidos pelo Decreto n °6.040, de 7 de fevereiro de 2007, como: “[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural [...]” (BRASIL, 2007, não paginado). Nesse ínterim, a cultura e tradição das quebradeiras relaciona-se diretamente com a palmeira babaçu.

A Constituição Federal estabelece, por meio do inciso primeiro do artigo 215, que o Estado “[...] protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.” (BRASIL, 2016, p. 126). Todavia, apesar do que

determina a Carta Magna, os povos tradicionais brasileiros enfrentam adversidades como discriminação e conflitos territoriais.

Matos, Shiraishi e Ramos (2015) salientam a luta das quebradeiras de coco babaçu pelos babaçuais livres e do acesso à terra e território, essencial para a agricultura familiar. Boa parte das quebradeiras são mulheres sem teto. Aquelas que têm o direito a terra garantido através da reforma agrária ou aquisição pessoal não possuem palmeiras suficientes para suprir as demandas de todas as famílias, por esse motivo as quebradeiras deslocam-se para outras propriedades, públicas e privadas, para coletar o coco. Os autores afirmam que esses e outros desafios, como a grilagem de terras, degradação ambiental e expansão das monoculturas, motivaram a criação do MIQCB. O movimento será discutido na próxima seção.

3. Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu

A organização coletiva das quebradeiras de coco babaçu teve início do final da década de 1980, inspirada pela luta dos seringueiros do Acre. Nesse contexto, as mulheres quebradeiras organizaram os primeiros mutirões contra o desmatamento das palmeiras do babaçu, tendo em vista que a derrubada dessas palmeiras é uma ameaça aos modos de vida e sobrevivência dessas comunidades. Essa mobilização contou com o apoio de pastorais da terra e organizações não governamentais. Outrossim, fez com as que as quebradeiras se reconhecessem como sujeitos de direitos políticos aptas a ocuparem espaços tradicionalmente dominados por homens, como os sindicatos, o que suscitou na criação do MIQCB no início dos anos 1990 (MATOS; SHIRAISHI NETO; RAMOS, 2015).

Nessa perspectiva, o movimento articula as quebradeiras, situando-as como trabalhadoras agroextrativistas e cidadãs,

assume papel significante na luta por direitos, atua na conscientização e educação dessas comunidades rurais. Além disso, fortalece as quebradeiras de coco babaçu ao afirmar o seu valor sociocultural, ambiental e econômico (SILVA; NAPOLITANO; BASTOS, 2016).

O MIQCB abrange os estados do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins. De acordo com Berrêdo (2017) a sede do movimento situa-se na cidade de São Luís. Existem outras três regionais no estado do Maranhão, são elas: Baixada Maranhense, Médio Mearim e Imperatriz. Há também representações na região do Bico do Papagaio (Tocantins), e nos municípios São Domingos de Araguaia (Pará) e Esperantina (Piauí). A autora relata que as regionais contam com coordenadoras, que tem como atribuição a execução dos projetos, e assessoras, que realizam a prestação de contas junto a assessoria financeira do MIQCB. A renda direcionada aos projetos provém de doações de instituições, públicas, privadas e parceiros.

Shiraishi Neto (2017) coloca em evidência duas pautas do movimento: as reservas extrativistas e o babaçu livre. Quanto as reservas, o autor aborda alguns conflitos, como a expansão de grandes indústrias e ações errôneas de órgãos estatais, que impedem a consolidação das reservas. A questão do babaçu livre é relativa à mobilização das quebradeiras para a criação, aprovação e implementação de leis que garantam o acesso livre ao babaçu. É realçado que essa legislação não é apenas uma regra do direito, porque simboliza uma forma singular de conviver com os recursos naturais e contém ideias de igualdade e solidariedade. A coleta do coco é totalmente manual e respeita o ciclo vital do fruto. O coco coletado é utilizado por todas as famílias de forma aberta, sem disputas. Esse processo ocorre da seguinte forma:

[...] os frutos caem espontaneamente ou quando as quebradeiras de coco sacodem as palmeiras para

fazerem os frutos cáírem. Em seguida vem o processo da quebra do coco Babaçu para extração das amêndoas, efetuado com a utilização de um machado pelas mulheres quebradeiras [...] (CORDEIRO, 2021, p. 56).

Dessa forma, as práticas do MIQCB são alinhadas as noções de desenvolvimento sustentável e evidenciam a forte relação entre as quebradeiras e a natureza. Essa relação é demonstrada pelo refrão de uma das músicas de luta dessas mulheres, intitulada “Xote das Quebradeiras”, que diz: “Ei, não derruba esta palmeira. Ei, não devore os palmeirais. Tu já sabes que não podes derrubar. Precisamos preservar as riquezas naturais!” (IANDAZA et al., 2020, p. 19).

Segundo o MIQCB (2019, não paginado), a visão de futuro do próprio movimento é “[...] ser referência, enquanto guardiãs da floresta de babaçu, na valorização dos conhecimentos tradicionais, na luta por direitos de acesso à terra e ao território, ao babaçu livre e à prática da agroecologia [...]”. Dessa maneira, o MIQCB assume papel importante para a preservação dos costumes e tradições das quebradeiras, uma vez que funciona como principal articulador da ação coletiva dessas mulheres e suscita questões pertinentes para a vida cotidiana dessas comunidades, como sustentabilidade e protagonismo feminino.

4. O uso das TIC na comunicação comunitária

Peruzzo (2000) enuncia a existência de uma comunicação diferenciada no seio dos movimentos sociais, chamada de comunicação comunitária ou popular. A autora aborda que na ação concreta desses movimentos são criadas formas próprias de comunicação alinhadas a ações sociais transformadoras. Em geral, essa comunicação é relativa a temáticas próprias desses movimentos, tais com ecologia, paz e igualdade. Vale situar os veículos de comunicação comunitária como um espaço propício

para o exercício da cidadania, uma vez que seus participantes se tornam sujeitos nas ações e atividades comunitárias o que os torna, não apenas receptores, mas também protagonistas na comunicação.

À vista disso, a comunicação comunitária envolve todos os processos comunicativos gerados por movimentos e organizações populares, logo são ligadas as noções de direitos humanos e melhoria das condições de vida das camadas socialmente excluídas. Caracteriza-se como um processo comunicativo sem fins lucrativos, com participação ativa do cidadão, com a função de disseminar conteúdos culturais, educativos e relativos a cidadania. Além do exposto, a comunicação comunitária relaciona-se com o direito de comunicar, com a melhoria das condições de vida através da conscientização e com a promoção dos direitos humanos (PERUZZO, 2003, 2006, 2009). Essa modalidade de comunicação manifesta-se sob formas variadas, alguns exemplos são:

[...] presencial (comunicação interpessoal, grupal), impressa (panfleto, boletim, fanzine, jornalzinho, cartaz, faixas), sonora (carro e bicicleta de som, alto-falante, rádio comunitária), audiovisual (vídeo, TV de Rua, Canal Comunitário na televisão a cabo) e online (*blogs*, *websites*, comunidades virtuais, redes, *e-zines*, emissoras comunitárias na internet) [...] (PERUZZO, 2009, p. 39).

É interessante refletir sobre o último recurso citado por Peruzzo (2009), a comunicação comunitária no âmbito da internet, tendo em vista a revolução comunicacional ocasionada pelas TIC. Essas mudanças nas formas de produzir e transmitir informação são notadas em vários setores da sociedade, inclusive nos movimentos sociais. Sobre a questão, Castells (2013) apresenta que os movimentos sociais contemporâneos se

fundamentam na internet, um elemento imprescindível para a ação coletiva. O autor situa as redes sociais digitais como ferramentas para organização e mobilização. Em decorrência disso, a internet cria condições para os movimentos se expandirem e estabelecem uma mobilização com a sociedade em geral.

Ramalho (2015) pontua os prós e contras do uso das TIC como uma ferramenta de comunicação comunitária. Dentre os pontos positivos, destacam-se o custo reduzido, se comparado a outras estratégias dessa modalidade de comunicação como rádio e jornais físicos, maior assertividade no que diz respeito ao direcionamento das mensagens, o aspecto colaborativo das redes sociais e aumento da audiência. Em relação aos pontos negativos, o autor argumenta que a internet ainda não é uma realidade para todos os grupos sociais e coloca em discussão a falta de consciência coletiva acerca das novas ferramentas disponibilizadas pelas TIC.

Pensamento similar é apresentado por Costa e Mattedi (2017). Na visão dos autores, as novas TIC proporcionam inúmeras oportunidades para a comunicação comunitária. Devem ser utilizadas com consciência, ao levar em conta os membros dos grupos sociais a qual fazem parte, a qualidade do conteúdo produzido e a competência técnica dos participantes envolvidos. Desse modo, as TIC consolidam-se como uma ferramenta importante para o desenvolvimento.

Nessas circunstâncias, a internet é um meio de comunicação relevante para os movimentos sociais, pois amplia a sua visibilidade pública e os torna produtores ativos de informação. Além de viabilizar novas modalidades de participação política e disseminar suas deliberações (DOIMO; MITRE; MAIA, 2021). Por esse motivo, compreende-se o potencial das redes sociais digitais para os movimentos sociais e comunicação comunitária. Em virtude do seu amplo alcance esses espaços virtuais

possibilitam o compartilhamento das pautas dos movimentos, assim como a sua expansão, tendo em vista que pode ser uma ponte de comunicação entre os integrantes do movimento e levar os seus ideais para a comunidade externa.

5. Resultados e discussões

Verifica-se a presença do MIQCB nas redes sociais digitais *Instagram*, *Facebook* e *Youtube*. Quando questionado acerca dos objetivos que o levam a usar as redes sociais, o MIQCB afirmou que elas são relevantes para: “difundir as ações do movimento, levar conhecimento sobre o modo de vida das quebradeiras de coco, bem como das denúncias e violações contra o bem viver, além de gerar valorização a imagem da mulher quebradeira.” Ao observar a ação do movimento nessas redes, percebe-se a divulgação constante das pautas em que as quebradeiras se empenham, bem como a difusão de suas atividades e produtos.

Nesse contexto, a luta das quebradeiras por acesso à terra e preservação da palmeira do babaçu, protagonismo feminino, sustentabilidade, leis do babaçu livre e feiras agroecológicas, onde são vendidos mercadorias como azeites, óleos, sabonetes, farinhas, são algumas das temáticas disseminadas pelas redes do movimento, como ilustra a Figura 1.

Conforme Silva (2014) as quebradeiras de coco babaçu encaram a comunicação como uma forma de preservar os conhecimentos tradicionais. As quebradeiras consideram essencial manter uma boa comunicação, continuar com a cultura da quebra sem a utilização de máquinas e promulgar Leis do Babaçu Livre. Essas medidas são formas de preservar a informação sobre o trabalho das mulheres quebradeiras. A autora aborda os impactos ocasionados pelas TIC no MIQC ao afirmar que essas tecnologias aperfeiçoaram o processo comunicativo dentro do movimento e contribuíram para sua articulação e fortalecimento.

Figura 1 – Divulgação da “Campanha Babaçu Livre” no Instagram do MIQCB



Fonte: MIQCB (2021).

Vale ressaltar que muitas quebradeiras não possuem acesso à rede de internet em seus municípios, contudo há o discurso unânime de que o uso das TIC é positivo para a divulgação, reconhecimento e aumento do alcance do movimento. Essa visão é encontrada na biografia da quebradeira Maria Querobina da Silva Neta ao se referir ao uso da internet para difundir a opinião das quebradeiras sobre o desmatamento e latifúndios:

[...] hoje o povo tem celular até dentro dos banheiros. Eu não sei mexer com aquilo, mas muita gente sabe. Por que a gente não solta no mundo também aquilo que é do nosso interesse? Bota na internet, bota no *Whatsapp*, que eu não sei chamar esse trem, bota tudo. Nem que seja assim, a gente

vai ter que falar. Não vai ter outro jeito. [...] (SILVA NETA, 2018, p. 75).

Diante disso, entende-se a presença do movimento nas redes sociais como uma estratégia de comunicação comunitária, visto que os processos comunicativos que ocorrem na ação dos grupos populares são norteados por princípios democráticos e visam melhores condições de vida (PERRUZO, 2006). É também uma forma de perpetuar a cultura das quebradeiras, conforme mostra a Figura 2 que aborda a relação desses grupos agroextrativistas com o meio ambiente.

Figura 2 – Postagem sobre o Dia Mundial do Meio Ambiente no Facebook do MIQCB



Fonte: MIQCB (2021).

Ao ser perguntado sobre as ações de comunicação comunitária no contexto das quebradeiras de coco, o movimento respondeu que as medidas mais relevantes foram: “as oficinas de comunicação comunitária, em que a comunidade pode se apropriar de narrativas fotográficas e de texto.” Nota-se a preocupação do MIQCB com a qualidade do conteúdo compartilhado nas redes sociais, assim como o reconhecimento da importância da comunicação comunitária.

Esse entendimento é reiterado pela resposta do movimento quando perguntado acerca da importância das redes sociais digitais para o exercício da comunicação comunitária. O MIQCB respondeu que: “mesmo com todas suas problemáticas relacionados aos algoritmos, as redes sociais ajudam a ‘furar’ a bolha da hegemonia de um jornalismo tradicional. São essenciais para a comunicação comunitária como ferramenta de difusão das informações e ações locais, dos povos e comunidades tradicionais.”

Para Bernardes e Barbosa (2018) ao se apropriarem das estruturas tecnológicas os movimentos sociais constroem espaços contrários as forças hegemônicas, e, mesmo com o uso das ferramentas proporcionadas pelas redes sociais digitais, não se distanciam das manifestações populares e relações sociais habituais. Por essa perspectiva, identifica-se que o MIQCB executa ações de ativismo social nas redes sociais digitais. O movimento utiliza esses recursos tecnológicos para transmitir os seus posicionamentos político-sociais e reforçar a relevância da palmeira babaçu. Identifica-se também a oportunidade proporcionada pelas redes de veicular a comunidade externa os princípios que norteiam os modos de vida das quebradeiras de coco babaçu.

6. Considerações finais

A temática das quebradeiras de coco babaçu engloba

diversas dimensões. O ofício de coletar e quebrar coco babaçu é uma atividade que ultrapassa os sentidos econômicos, pois vai de encontro as questões que englobam protagonismo feminino, economia solidária, desenvolvimento sustentável, reforma agrária e desmatamento. As famílias agroextrativistas que vivem nessas comunidades não veem o babaçu apenas como uma árvore, tendo em vista que estabelecem laços afetivos com essa palmeira.

Os direitos dos povos tradicionais são assegurados pela Constituição, entretanto a realidade desses grupos é cercada por conflitos, um deles é relacionado ao direito à terra. Essas tensões motivam a criação de movimentos sociais, locais de resistências e ação coletiva que mobilizam grupos socialmente excluídos ou prejudicados pela luta por seus direitos. Nesse trabalho, apresentou-se o MIQCB, movimento social das quebradeiras de coco babaçu que há mais de duas décadas articula e organiza as reivindicações das mulheres quebradeiras.

Na atualidade as TIC revolucionaram as formas de produzir e compartilhar informação. Em outras palavras, existem hoje novas dinâmicas no ciclo informacional. As TIC atingem diversos setores da sociedade, inclusive os movimentos sociais que enxergam nessas tecnologias uma oportunidade de ultrapassar localizações geográficas ao apresentar os seus interesses e causas sociais na internet. Nesse contexto, chama-se atenção para o uso das redes sociais digitais como uma estratégia de comunicação comunitária, que rompe com os meios tradicionais de comunicação com o propósito de dar voz para grupos sociais que lutam por seus direitos.

No que concerne ao impacto das TIC para as quebradeiras de coco babaçu, destaca-se o seu potencial para aproximar as quebradeiras entre si e apresentar as suas demandas sociais para a comunidade externa. O MIQCB, por meio das redes sociais digitais, estabelece um canal de diálogo entre as quebradeiras de coco e a sociedade. Portanto, o MIQCB realiza ativismo digital

ao divulgar na internet os modos de viver, mobilizações e a importância das quebradeiras de coco babaçu. As ações do movimento possibilitam a perpetuação dos saberes tradicionais e da ancestralidade que acompanha o babaçu, tanto nos espaços reais quanto nos virtuais.

Referências

BARBOSA, V. O. **Na terra das palmeiras: gênero, trabalho e identidades no universo das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão**. Jundiaí: Paco Editorial, 2018. 220p.

BERNARDES, F.; BARBOSA, C. Movimentos sociais na era da Internet: por todas as formas de ativismo. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 12, n. 1, p. 6-23, abr. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9859>.

Acesso em: 22 out. 2021.

BERRÊDO, E. S. A. **O MIQCB: aspectos organizativos e o processo de organização do movimento**. 2017. 110 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017. Disponível em:

<https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/1587>. Acesso em: 21

out. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional nº 106/2020. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 498 p. Disponível em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/C_F88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

BRASIL. Decreto n° 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 316, 8 fev. 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 24 jul. 2020.

CAMPELO FILHO, E. et al. Economia solidária: a realidade das quebradeiras de coco babaçu no interior do Brasil. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, Maringá, v. 11, n. 4, p. 1239-1257, out./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/rama/article/view/5905>. Acesso em: 15 out. 2021.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 349p.

CORDEIRO, L. S. **Cenário das patentes relacionadas ao babaçu indexadas na base de dados Derwent Innovations Index**. 2021. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/223686>. Acesso em: 21 out. 2021.

COSTA, M. X.; MATTEDI, A. P. As TICs e a comunicação comunitária: uma análise do uso das tecnologias para a comunicação como direito do cidadão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Universidade Positivo, 2017. Disponível em: Acesso em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0666-1.pdf>. Acesso em: 28 out. 2021.

DOIMO, A. M.; MILTRE, M.; MAIA, R. Movimentos sociais, internet e novos espaços públicos: o caso da DH net. *In*: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. (org.). **Redes, sociedades e territórios**. 3. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021. p. 178-201.

IANDAZA, E. E. S. *et al.* (org.). **Quebradeiras de coco babaçu**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2020. 24 p. (Série Cadernos Vivência Amazônica, v. 1). Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/39331?locale=en>. Acesso em: 10 out. 2021.

MATOS, F.; SHIRAISHI NETO, J.; RAMOS, V. **Acesso à terra, território e recursos naturais: a luta das quebradeiras de coco babaçu**. São Paulo: ActionAid, 2015. Disponível em: https://actionaid.org.br/wp-content/files_mf/1493418575quebradeiras_actionaid_port_rev1.pdf. Acesso em: 23 jul. 2020.

MIQCB. **Quem somos nós?** São Luís, 2019. Disponível em: <https://www.miqcb.org/sobre-nos>. Acesso em: 21 out. 2021.

NUNES, M. L. S. Terra, cultura e coletividade: proteção dos saberes e práticas tradicionais das quebradeiras de coco babaçu. **E-Civitas**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.unibh.br/dcjpg/article/view/2221/pdf000>. Acesso em: 22 out. 2021.

PERUZZO, C.M. K. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Comunicação e sociedade**, Braga, v. 14, n. 2, p. 651-688, 2000. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/article/view/939>.

Acesso em: 28 out. 2021.

PERUZZO, C. M. K. Mídia comunitária, liberdade de comunicação e desenvolvimento. In: PERUZZO, C. M. K.; ALMEIDA, F. F. (org.). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: Intercom; Salvador: UNEB, 2003.

PERUZZO, C. M. K. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília, DF: UNB, 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2021.

PERUZZO, C. M. K. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 11, n. 1, p. 33-43, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5039>. Acesso em: 28 out. 2021.

PERUZZO, C. M. K. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, v. 11, n. 1, p. 138-158, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6980>. Acesso em: 22 out. 2021.

RAMALHO, L. F. Comunicação comunitária, internet e novas tecnologias: um caminho possível. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE MÍDIA CIDADÃ, 10.; CONFEÊNCIA SUL-AMERICANA DE MÍDIA CIDADÃ, 5., 2015, Bauru. **Anais [...]**.

Bauru: UNESP, 2015. Disponível em: <https://abpcom.com.br/wp-content/uploads/2020/04/dt4-2.pdf>. Acesso em: 28 out. 2021.

SOUZA, E. C. M. de. Amêndoa de babaçu. **Boletim da Sociobiodiversidade**, Brasília, DF, v. 3, n. 1, 2019. p. 1-48, jan./fev./mar. 2019. Disponível em: https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuario-e-extrativista/boletim-da-sociobiodiversidade/boletim-sociobio/item/download/25532_186635cda816926de9dca096af05711d. Acesso em: 24 jul. 2020.

SERRA, F. R. Babaçu. **Boletim da Sociobiodiversidade**, Brasília, DF, v. 5, n. 1, p. 1-24, abr. 2021. Disponível em: https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuario-e-extrativista/boletim-da-sociobiodiversidade/boletim-sociobio/item/download/36671_5e5a7d43fb46c546e096f7828b24f9da. Acesso em: 15 out. 2021.

SILVA, L. A. **Movimento interestadual das quebradeiras de coco babaçu**: mulheres, trabalho e informação. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/IBICT_6098b1d514acbf589683dcfab3c900a3. Acesso em: 24 jul. 2020.

SILVA, L. A. Mulheres quebradeiras de coco babaçu e movimentos sociais. **P2P & Inovação**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 161-176, mar./set. 2017. Disponível em: <http://revista.ibict.br/p2p/article/view/3817>. Acesso em: 22 out.

2021.

SILVA, E. M. S; NAPOLITANO, J. E.; BASTOS, S. (org.). **Pequenos projetos ecossociais de quebradeiras de coco babaçu**: reflexões e aprendizados. Brasília, DF: ISPEN, 2016.

Disponível em: <https://ispn.org.br/cartilha-quebradeiras-de-coco/>.

Acesso em: 25 jul. 2020.

SILVA NETA, M. Q. **Sou uma mulher praticamente livre**. Rio de Janeiro: Casa 8, 2018. E-book (100 p.). (Coleção Narrativas das Quebradeiras de Coco Babaçu, n. 1). Disponível em:

<http://novacartografiasocial.com.br/download/01-sou-uma-mulher-praticamente-livre-maria-querobina-da-silva-neta/>.

Acesso em: 20 ago. 2020.

SHIRAISHI NETO, J. Quebradeiras de coco: “babaçu livre” e reservas extrativistas. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v. 14, n. 28, p.147-166, jan./abr. 2017. Disponível em:

<http://revista.domhelder.edu.br/index.php/veredas/article/view/920>. Acesso em: 10 out. 2021.

ANEXO 1 – Formulário de entrevista

1. Assinale as redes sociais que são utilizadas pelo Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu.

- ☐ Instagram
- ☐ Youtube
- ☐ Facebook
- ☐ Twitter
- ☐ Outros. Quais?

2. Com quais objetivos o MIQCB utiliza as redes sociais?

3. Que ações de Comunicação Comunitária são realizadas pelo MIQCB?

4. Como o movimento enxerga a importância das redes sociais para a comunicação comunitária?